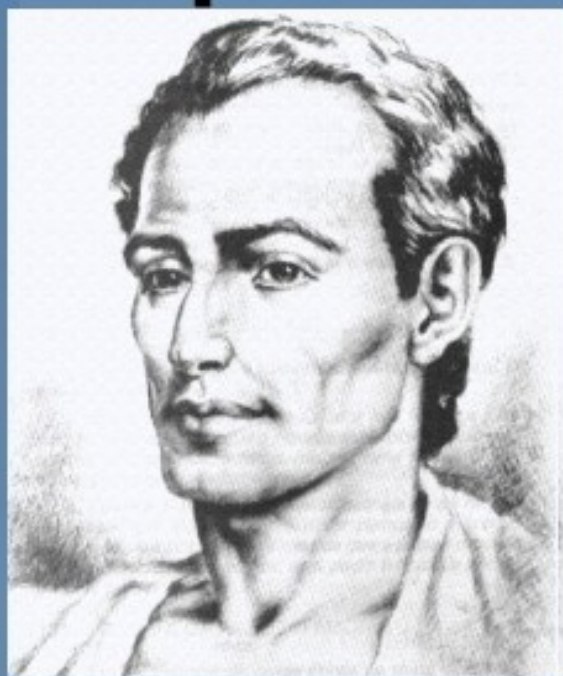


# Religião dos Espíritos



*Emmanuel*

**Psicografia - Chico Xavier**

**CAPÍTULO XIV – Censura**

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XIV)**

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicada em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XIV)

### Índice

<b>Assunto</b>	<b>Origem</b>	<b>Página</b>
Capítulo XIV - Censura	O Consolador	04
Complementos		
As duas torres elevadas da caridade	O Consolador	05
Vivamos conscientemente	O Consolador	07
Acusação indébita	O Consolador	09

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XIV)

### Censura

#### Reunião pública 2702/1959

#### Questão 903

Imagina-te aplicando vasta porção de borralho sobre a plantaçaõ nascente da qual esperas colheita farta; servindo líquido antisséptico na água destinada àqueles cuja sede te propões extinguir; misturando certa quantidade de cal bruta à refeição do companheiro de quem desejas matar a fome; deitando fel na iguaria endereçada ao vizinho a quem almejas agradar ou vestindo alguém com determinada peça forrada com alfinetes espetantes, e compreenderás, certamente, o que seja a prática da censura incorporada ao teu propósito de servir.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XIV)

### As duas torres elevadas da caridade

O homem derrapa na censura hostil em referência às faltas do próximo, como se não as tivesse em idênticas circunstâncias.  
“Indulgência e Amor são os pináculos mais exuberantes da vera Caridade.”  
- François C. Liran

O Espírito de Verdade declarou sem reboços (1): “(...) sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o Céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai...”.

No célebre e quase cruento episódio (2) da mulher flagrada em adultério, Jesus reverteu à impiedade da multidão ignara fazendo-a enxergar as próprias defecções.

Ora, se todos temos telhados de vidro, não nos assiste, de forma alguma, o direito de lançar pedras no telhado alheio. O anátema lançado na direção do semelhante volta, qual bumerangue, para o seu ponto de partida, quiçá com mais força e poder de destruição. Portanto, há que se ter, no próprio interesse, indulgência e amor na base da vida de relação.

José, Espírito protetor, nos aconselha (3) a utilização da severidade tão somente para conosco mesmos, empregando, por outro lado, sem parcimônia, a indulgência para com o próximo.

Só Deus pode julgar em última instância e de maneira absolutamente isenta e correta, vez que somente Ele conhece o móvel dos atos alheios em sua profundidade, desculpando, vezes sem conto, as faltas que censuramos, como também condenando as que muitas vezes relevamos...

A indulgência age como um bálsamo que mitiga as feridas expostas da Alma, acalmando as mais acerbadas dores morais, mormente quando mesclada ao Amor, ao se transformar, então, em sublime e abençoada lixívia, com poder irresistível para erradicar o orgulho e o egoísmo, predispondo a criatura à benevolência e ao devotamento, sob o pálio da abnegação, oferecendo uma visão dos pródromos do reinado da paz.

Em unísono com José, Espírito protetor, Joanna de Ângelis (4) amplia ainda mais o pensamento em torno da indulgência e do amor, afirmando: “(...) a indulgência é comportamento pouco usual entre os homens... Embora sendo mais fácil compreender do que censurar, prefere-se a acusação rigorosa à tolerância fraternal, estabelecendo-se áreas de animosidade no relacionamento social, perfeitamente evitáveis.

Ainda sofrendo as contingências do primarismo agressivo que teima em viger nas atitudes do cotidiano, o homem derrapa na censura hostil e na dureza de julgamento, em referência às faltas do próximo, como se não as tivesse em idênticas circunstâncias. Vezes outras, porque lhe são familiares as imperfeições, identifica-as noutrem, arremetendo contra as mesmas, em mecanismos de fuga a respeito da fragilidade pessoal e desforçando-se dos seus fracassos na debilidade do próximo, que lhe é intolerável.

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XIV)

Quanto mais severo é o intolerante, no exame das limitações e fracassos de outrem, mais atormentado e fraco ele se sente, disfarçando tal situação com a catilinária agressiva, através da qual se refugia e compraz.

A indulgência faz muita falta aos homens, e a sua ausência na ação responde por muitos males que afligem o mundo. Ela propicia ao equivocado a oportunidade para refazer a experiência, e dá-lhe também ensejo de avaliar o erro motivando-o a uma reformulação de conceitos sobre a vida, portanto auxiliando-o a agir com retidão.

A indulgência é ato de amor, que dignifica quem a oferece e aquele que a recebe. Tu, no entanto, que conheces Jesus vai além: sê indulgente para com aquele que te fere e, concededor que és do significado da vida, proporciona-lhe algum bem.

Não somente deves esquecer a ofensa, como também contribuir para o crescimento moral do ofensor, substituindo o ódio e a mágoa pelo amor, ensinando através da bondade a lição da fraternidade que ajuda e socorre. Da indulgência todos necessitam. Ela ampara os fortes quando caem, e anima os fracos que, sem a sua força, jamais se ergueriam.

Conta-se que, após a ressurreição de Jesus e o Seu aparecimento aos discípulos, quando reinava entre eles imensa alegria e incontida esperança, o Mestre foi buscar Judas, perturbado em si mesmo, nos tormentos do suicídio, a fim de auxiliá-lo na reabilitação necessária. Indulgência e amor são, portanto, os termos elevados da caridade em sua mais alta expressão”.

**Rogério Coelho**, As duas torres elevadas da caridade

– O Consolador – Nº 450 – 31/01/2016

**(1) Kardec Allan**, O Evangelho Segundo o Espiritismo, (cap. VI, item 5, § 4º)

**(2) João**, (8:1 a 11)

**(3) Kardec Allan**, O Evangelho Segundo o Espiritismo, (cap. X, item 16, § 4º)

**(4) Joanna de Ângelis**, Luz da Esperança, (cap. 22), (Divaldo Franco)

## RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XIV)

### Vivamos conscientemente

Quando desejamos o nosso autoaprimoramento para podermos nos harmonizar intimamente e, também, com o próximo, é desejável lembrarmos a indagação feita por Allan Kardec: “Será passível de censura o homem, por ter consciência do bem que faz e por confessá-lo a si mesmo?”.

Responderam os Mentores Espirituais: “Pois que pode ter consciência do mal que pratica, do bem igualmente deve tê-la. Pesando todos os seus atos na balança da lei de Deus e, sobretudo, na lei de justiça, amor e caridade, é que poderá dizer a si mesmo se suas obras são boas ou más, que as poderá aprovar ou desaprovar. Não se lhe pode, portanto, censurar que reconheça haver triunfado dos maus pendores e que se sinta satisfeito, desde que de tal não se envaideça, porque então cairia em outra falta”.  
(Questão nº 906 de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec.)

Portanto, a orientação espiritual é que tenhamos, cada vez mais, consciência dos nossos atos e deles façamos uma avaliação criteriosa, com base nos princípios da justiça e do amor e da caridade.

Se vivermos conscientemente, sem dúvida, teremos a indispensável autoestima que nos proporcionará o autorrespeito e a autoconfiança.

No entanto, não é fácil concretizarmos esses conceitos, de certa forma abstratos, em atos concretos de nossa vida diária.

Viver conscientemente implica, em alterações de padrões de comportamento, o que, pela prática e persistência, possibilitará o desenvolvimento de novos padrões. Todavia, para que isso aconteça é necessário o uso da inteligência, possibilitando a compreensão dos nossos atos, que deverão ser devidamente avaliados quanto à sua adequação e oportunidade.

Assim, vivermos conscientemente exige o uso da inteligência e a escolha do “melhor a fazer”, no exercício do livre-arbítrio.

Desta maneira, durante o dia, deveremos pensar e escolher dentro dos critérios do bem e do mal, do justo e do injusto, do verdadeiro e do falso, da cooperação e da competição, do altruísmo e do egoísmo, humildade e orgulho, os atos que praticaremos e que se refletirão no próximo e em nós mesmos.

Não obstante, não significa que devamos gostar e aceitar tudo o que vemos, mas a capacidade de vermos o que é e o que não é, tanto quanto, consciência de que medos, desejos e negações não alteram a realidade – aquilo que é.

Para exemplificarmos as formas de viver consciente ou inconscientemente, analisemos dois casos:

Alberto começou a trabalhar em uma grande empresa. Desde o momento em que assumiu o seu setor de trabalho, procurou conhecer e entender todos os aspectos do que lhe competia fazer. Estudou as rotinas de trabalho. Prontificava-se a ajudar e a colaborar com

## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XIV)**

os colegas de trabalho. Preocupava-se em manter um bom clima no relacionamento profissional, assumindo que os seus problemas pessoais eram seus e no trabalho não era momento para partilhar com os companheiros as suas dificuldades emocionais, sentimentais ou económicas. Não se conformava com a rotina e sempre estava procurando aprender algo novo dentro da empresa.

Passado o período de experiência, quando surgiu uma vaga para o cargo mais elevado daquele em que estava, foi convidado a assumi-lo, tendo o seu merecimento reconhecido.

Alberto viveu conscientemente, demonstrando autoconhecimento de suas possibilidades e, conseqüentemente, demonstrou elevada autoestima.

Ivan, à mesma época de Alberto, foi admitido a trabalhar na empresa. A sua postura era a de aprender o necessário para cumprir as suas funções. Quando lhe era solicitada alguma tarefa nova, ele queria saber se fazia parte das atribuições do seu cargo. Não tinha interesse em aprender coisas novas, pois segundo pensava tinha um salário para pagar o que já fazia. Não cultivava amizade mais próxima com os colegas, pois, em sua análise, permitir muita familiaridade possibilitaria que os companheiros de trabalho tivessem facilidade para explorá-lo.

Quando Alberto foi promovido, Ivan julgou-se injustiçado e considerou que ele fora promovido porque bajulava os chefes e permitia ser explorado pelos colegas de trabalho. Passou a sentir-se muito mal, de forma depressiva e pensava que não melhorava de vida porque as pessoas tinham inveja dele.

Ivan viveu inconscientemente, não avaliando seus pensamentos e atos, por consequência, a sua autoestima era baixa.

Viver conscientemente é assumirmos aquilo que motiva os nossos atos, objetivos, valores e refletidos em nosso comportamento, com base no que sabemos e no que pensamos. De certa forma, é assumirmos a responsabilidade pela percepção consciente e adequada à ação que estamos praticando. Isso é indispensável para a nossa autoconfiança e autoestima.

É vivermos de forma responsável ante a realidade.

**Aylton Guido Coimbra Paiva – O Consolador – Nº 290 – 09/12/2012**



## **RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XIV)**

### **Acusação indébita**

No capítulo da censura, comumente chega em nossa vida um momento de perplexidade, à frente do qual muitos companheiros se mostram ameaçados pelo desânimo.

Não se trata da ocasião em que somos induzidos a reprovar os outros e nem mesmo daquela em que somos repreendidos, em razão de nossas quedas.

Reportamo-nos à hora em que nos vemos acusados por faltas que não perpetramos e por intenções que não nos afloram à mente.

Desejamos falar das circunstâncias em que somos julgados por falsas aparências, dando lugar a comentários depreciativos em torno de nós mesmos.

Teremos agido no bem de todos e, em seguida, analisados sob prisma diferente, qual se estivéssemos diligenciando gratificar o próprio egoísmo; de outras vezes assumimos posição de auxílio ao próximo, empenhando nossas melhores energias, de modo a que se faça harmonia e eficiência na máquina de ação de que somos peça viva, e tivemos nossas palavras ou providências, sob interpretação infeliz, atraindo-nos à crítica desapiedada, até mesmo naqueles amigos a quem oferecemos o coração.

Atingindo esse ponto nevrálgico no caminho, não te permitas o mentiroso descanso no esmorecimento.

Se trazes a consciência tranquila, entre os limites naturais de tuas obrigações ante as obrigações alheias, ora pelos que te censuram ou injuriam e prossegue centralizando a própria atenção no desempenho dos encargos que o Senhor te confiou, de vez que o tempo é o juiz silencioso de cada um de nós.

Ouve a todos, trabalhando e trabalhando.

Responde a tudo, servindo e servindo.

Nos dias nublados, quando as sombras se amontoem ao redor de teus passos, converte toda tendência à lamentação em mais trabalho, e transfigura as muitas palavras de autojustificação, que desejarias dizer, em mais serviço, conversando com os outros através do idioma inarticulado do dever retamente cumprido, porquanto se, em verdade, não temos o coração claramente aberto à observação dos que nos cercam no mundo, a todo instante, a justiça nos segue, e em toda parte Deus nos vê.

**Elucidações de Emmanuel, Nós mesmos – O Consolador – Nº 329 – 15/09/2013**

**Emmanuel, Livro: Rumo Certo, (Chico Xavier)**